



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O DEUS BORMÂNICO. SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DA MITOLOGIA DOS LUSITANOS.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1884 | Número: 1

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, O Deus bormânico. Subsídio para o estudo da mitologia dos lusitanos. *Revista de Guimarães*, 1 (2) Abr.-Jun. 1884, p. 57-67.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O DEUS BORMANICO

Subsidio para o estudo da mythologia dos Lusitanos

São conhecidas as inscripções de Vizella consagradas ao deus Bormanico ¹.

Bormanico, na opinião corrente, é uma divindade celtica, pela mesma razão que são d'origem celtica os povos da Lusitania.

Já n'outros trabalhos forcejamos por demonstrar que esta opinião, em si suspeita por deixar no vago a noção ethnographica de Celtas, mal se sustentava em face das investigações historicas e das revelações da archeologia ².

Pelo estudo presente vamos vér se no terreno mythologi-

¹ Não resistimos á tentação de aproximar uma d'ellas d'outra descoberta na Citania. A de Vizella: MEDAMVS | CAMALI | BORMANI | CO. V. S. L. A da Citania: CORV (?) | ABE | MEDAMVS | CAMALI. Em ambas as inscripções ha ligaduras de letras, que nos pareceu inutil apontar.

² Estes trabalhos são principalmente: *Os Lusitanos* e *Os Celtas na Lusitania*. N'este ultimo escripto, publicado na *Revista Scientifica*, do Porto, pronunciamos-nos pelo «germanismo» dos Celtas.

co chegamos aos mesmos resultados, a que chegamos no terreno historico, e por mais d'uma consideração damos o logar d'honra ao deus *celtico*, que temos ao pé da porta.

I

O culto de Bormanico estava largamente derramado pela Gallia, como o attestam numerosas inscripções achadas n'este paiz ³. A dominação dos Celtas na Gallia é um facto incontestavel; porém,

1.º Noventa e nove probabilidades contra uma auctorisam a crêr que estas hordas intrusas, tão superiores aos povos preexistentes pelo seu genio guerreiro e pela união das suas forças, quão inferiores em cultura, adoptaram, ao fixar-se na Gallia, a civilisação dos vencidos, e nomeadamente a sua religião ⁴.

Nenhuma impossibilidade ha em que, ao lado dos antigos deuses gaulezes, se desenvolvesse o culto d'um deus propriamente *celtico*; mas,

2.º O culto de Bormanico existia na Lusitania, como sabemos, e quem procurar despreoccupadamente os Celtas na Lusitania não encontra rasto d'elles. Nós pelo menos temos baldado todas as diligencias n'este sentido e, em vista d'ellas, um deus *celtico* na Lusitania apparece-nos como um effeito sem causa.

3.º Bormanico era tambem conhecido na Liguria, onde o Itinerario d'Antonino menciona um *Lucus Bormanici*. Ora os Ligures são um dos mais antigos povos áricos do occidente, muito anteriores aos Celtas e sem relação alguma com elles. Para explicar um Bormanico *celtico* na Liguria, seria necessario admittir que os Celtas, depois de semearem o culto d'este deus pela Gallia e pela Lusitania, o foram ainda semear pelas bordas do mediterraneo. A propaganda religiosa d'estes guerreiros barbaros do sec. vii a. C. em favor d'um deus das

³ Colligidas por M. Chabouillet na *Revue Archeologique*, anno de 1880, fasciculo 1.º e seguintes.

⁴ Vid. *Os Celtas na Lusitania*.

fontes (veremos que Bormanico não é outra cousa) tem alguma cousa de comico, ha de confessar-se.

4.º O culto de Bormanico encontra-se ainda entre os Mariandynos da Asia Menor, um povo quasi mythologico e que está por fortuna inteiramente fóra do alcance dos equivoccos, que tem celtisado a torto e a direito quasi todas as antigas populações da Europa occidental.

Consideremos de perto estes dous ultimos factos, pela viva luz que elles lançam sobre o assumpto que nos occupa.

Os Ligures, já o dissemos, são um dos mais antigos povos arianos da Europa; encontramol-os estreitamente enlaçados nas origens ethnicas dos Italiotas, especialmente dos Latinos; encontramol-os já antes do sec. VII a. C. occupando as margens do Baltico e apontados como as primeiras victimas da invasão celtica; encontramol-os, antes do sec. XII a. C., no sudoeste da Hispanha. Como indo-europeus que eram, elles tinham vindo da Asia, seguindo com as maiores probabilidades o littoral-sul do Euxino e atravessando o estreito dos Dardanellos.

Os Mariandynos, povo da mesma familia ⁵, apparecem-nos para lá do estreito, á beira da famosa estrada, por onde passaram quasi todos os emigrantes asiaticos que demandaram a Europa.

Sendo impossivel admittir que a religião de Bormanico fosse transmittida pelos Mariandynos aos Ligures, depois que estes se internaram no continente europeu e se estabeleceram no occidente, força é concluir que o Bormanico occidental já acompanhou aquelles velhos emigrantes na sua peregrinação até ás extremidades da terra então conhecida, e o Bormanico mariandyno vale então, como valeria um marco milliaro, allusivo á proveniencia d'este deus e á marcha que seguiu a propagação do seu culto.

Damos por assente que ninguem virá chicanar-nos a identidade do Bormanico oriental e occidental. Salvo os suffixos, que não têm valor para o caso, o *Borm*-os da Asia é letra

⁵ Strabão, XII, III, 3, apesar de declarar que não encontrou nos historiadores antigos noticia alguma acerca da origem dos Mariandynos. acrescenta que entre elles e os povos visinhos, Thynos, Bithynos, Mysios, etc., não havia a menor differença. Quanto á lingua, nem dialectalmente as havia. A nossa affirmativa tem, pois, a seu favor provas sobejas.

por letra o *Borm-anus* ligurico, o *Borm-anicus* lusitano, o *Borm-on*, *Borm-an..* ou *Borv-o*⁶ gaulez; como estes, o Bormos mariandyno tem intima relação com o culto das aguas. Dissemos já que os povos em que elle se encontra são todos da mesma familia. Se debaixo d'estas coincidencias se encoberissem entidades mythologicas diferentes, o acaso faria aqui um milagre sem segundo.

Como não acreditamos em taes milagres, vamos examinar a legenda de Bormos, na certeza de que tudo quanto d'ella colhermos se ha de applicar ao deus vizellense.

Aqui está o que da sua biographia nos transmittiram os antigos.

Bormos era um lindo moço que lidava com uns ceifadores, quando estes lhe pediram para ir buscar agua a uma fonte. Bormos foi, mas não voltou. Cançados de esperar, os ceifeiros tiveram d'ir procural-o. Debalde. Bormos tinha desaparecido mysteriosamente. Para solemnisar o triste caso, os Mariandynos instituiram umas festas, em que pranteavam o desaparecimento do heroe, e que tiravam d'elle o nome de Bormoias.

Este Bormos, que desaparece mysteriosamente, quando os ceifeiros estão á espera da agua que elle lhes ha de trazer d'uma fonte, parece-nos, claro como o sol, a mythificação d'este simples phenomeno: — uma fonte que se sóme⁷.

A nosso vêr, Bormos ou Borvo não é outra cousa mais que o *borbotão* d'agua, a fonte que *borbulha* do chão, a nascente divinizada, conforme o processo vulgar do antropomor-

⁶ Todas estas fórmãs apparecem nas inscrições gaulezas. A segunda acha-se truncada na ultima syllaba. Provavelmente é a de *Bormanus*, como na Liguria.

⁷ Nos mythos antigos ha um desdobramento n'este sentido: o deus começa por ser o phenomeno em si, Div (o brilhante), o Sol; Agni o fogo, etc. e, em regra, os elementos da sua biographia são outros tantos accidentes, que a observação concatenou sob um determinado ponto de vista. Depois o phenomeno é personalisado em consequencia das illusões da linguagem, ou por outro motivo, e esta segunda concepção, bem que puramente phantastica, fica predominante, em quanto o phenomeno que lhe deu origem passa a ser a manifestação do deus ou cousa equivalente. Aqui está porque Bormos, que era primitivamente a nascente, a fonte, póde depois da sua evolução antropomorphica, mover-se independentemente e ir elle proprio á fonte. Sem estudar bem esta dualidade nos mythos antigos, é quasi impossivel comprehendel-os.

phismo ariano, e o enigma etymologico do seu nome faz-nos lembrar a adivinha — *cal* é elle, *cal* é ella — pois que, se não erramos, Bormos ou Boryo contém a mesma onomatopéa que *borbotar*, *borbulhar*, vocabulos, de que *barbar*, *murmur* e quejandos, são antigos fiadores ⁸.

«Esta agua que rebentava do seio da terra — diz Mr. Decharme, fallando dos Gregos — sem que se soubesse d'onde ella vinha, infatigavel na sua perpetua actividade, punha-os em face do desconhecido, d'uma energia mysteriosa da natureza. Este espectáculo despertava n'elles o sentimento do divino ⁹».

Tal era a origem divina do Bormos mariandyno. Mas o seu desaparecimento subito implica uma circumstancia importante nas entidades d'esta especie, e que o distincto mythologo francez quasi que desprezou no seu trabalho.

Os deuses-rios e os deuses-fontes estavam sujeitos áquellas e a peores contingencias.

É assim que o Lityersas phrygio, cuja legenda J. Pollux associa á de Bormos ¹⁰, tinha sido morto por Hercules e o seu cadaver arrojado ao rio Meandro.

Aqui está bem ás claras a causa do desaparecimento do heroe: — é a estiaagem.

Hercules, Apollo, em summa todos os deuses solares são, sob certo ponto de vista, os inimigos naturaes dos rios e das fontes: quer dizer os rios e as fontes não podem resistir ao calor excessivo do sol.

Se os rios eram possantes como o Achelôo, imaginava-se uma lucta entre os dous adversarios, mas feliz do rio, se sa-

⁸ N'este presupposto, a fórma pura de Bormos devia ser Borbor e tal é o nome d'um rio da Macedonia, mencionado por Plutarcho no seu Tratado de *Exilio*. Não ignoramos que alguns etymologistas vêem em Bormanico a raiz *feru*, mas, a julgarmos por E. Curtius, *Grundzüge der Griechischen etymologie*, principalmente pg. 188, 300, 486, *feru* é uma fórma já alterada e presuppõe uma outra mais primitiva, que é ainda um *desideratum*.

⁹ Decharme, *Mythologie de la Grèce antique*, pg. 325.

¹⁰ J. Pollux, *Onomasticon* IV, vii, 54. Os Mysios tinham uma legenda muito semelhante á de Bormos. Aqui o heroe é Hylas, tambem um formoso moço, que vai buscar agua a uma fonte. Quando se debruça para encher a sua urna, uma Dryope, encantada da sua belleza, raptá-o para as profundidades da terra. Os Mysios choravam o desaparecimento d'Hylas, como os Mariandynos o de Bormos.

hia das mãos d'Hercules, tendo perdido apenas um dos seus cornos, i. é, tendo ficado reduzido á metade do seu volume d'agua ¹¹.

Os riachos, como Lityersas (um affluente do Meandro, parece), esses nem resistencia offereciam.

D'esta hostilidade dos deuses solares nem as nymphas eram exceptuadas; mas, como é de esperar entre entidades de sexo differente, a tragedia tomava um aspecto diverso e ahi temos taes e taes nymphas que se suicidam, por não poderem evitar d'outro modo as perseguições d'Apollo, que as requesta um pouco brutalmente.

O suicidio das nymphas, a morte de Lityersas, o desaparecimento de Bormos são innegavelmente variantes d'um mesmo thema, e nós iriamos longe, se quizessemos recolhelas todas. A sua multiplicidade mostra, porém, que, se o rebentar das aguas impressionou o espirito dos antigos, o seu desaparecimento repentino não os impressionou menos, e isto explica-se tanto mais facilmente, quanto este ultimo phenomeno trazia consigo calamidades sensiveis.

A quem ellas deviam affectar principalmente era aos agricultores, e é sem duvida por isso que as Bormoias eram instituições de lavradores e Lityersas era mesmo considerado como um antigo rei lavrador.

Accentuemos, porém, tres vezes que a feição agricola, com que nos apparece aqui o culto das aguas, não pôde deixar de vir d'uma phase secundaria e nada primitiva, pois que é de vêr que a divinisação dos rios e das fontes não esteve á espera da invenção da lavoura.

Esta observação é de capital importancia, quando se aproxima o Bormanico oriental do occidental, cujas attribuições são aparentemente diversas. Por a não levarem em conta, a maioria dos investigadores, vendo que o Bormanico do occidente apparece quasi sempre em localidades, onde se encontram thermas, têm-n'o por um deus exclusivamente medico,

¹¹ A explicação dada por M. Decharme a este mytho, a pg. 327 da sua obra, é no essencial a nossa. A de pg. 506, pouco coherente com a primeira, parece-nos forçada, como outras de Schwartz. Os rios eram comparados a differentes animaes, de preferencia aos touros, provavelmente por causa do mugido das suas aguas, e representados ás vezes sob a forma humana, mas com uma cabeça de touro. Alguns tinham mesmo o nome d'este animal.

e ficam desnorteados quando uma inscripção o menciona em qualquer sitio, em que nenhum vestigio d'aguas thermaes se descobre ¹².

Pelo que fica dito, e a começar pela onomatopéa do seu nome proprio, o mytho de Bormos na sua fórma primitiva é absolutamente estranho ás aguas thermaes e ainda á agricultura. Bormos é o borbotão d'agua; o seu character divino vem-lhe do mysterio da sua origem e não dos beneficios que liberalisava ao homem. Tambem não foi a agricultura ou a qualidade medicinal de certas aguas que entrou como factor no episodio do seu desaparecimento. É intuitivo. A sua biographia ficava completa n'estes traços essenciaes, mesmo que a agricultura e a medicina nunca fossem descobertas. Com a invenção d'ellas e desde que a acção fertilisante das aguas sobre as terras é reconhecida, o deus torna-se naturalmente um protector da lavoura, e o lavrador instituirá agora litánias em sua honra, muito provavelmente com o pensamento egoista d'alcançar d'elle que não desapareça a fonte, onde se vê o seu genio tutelar, como a tradição, já mal comprehendida, dizia que elle desaparecera.

Pelo mesmo motivo, desde que a experiencia mostrar as virtudes curativas de tal nascente, Bormos tornar-se-ha um deus curandeiro.

Mas evidentemente tudo isto são accessorios, que accresceram ao mytho primitivo, e pôde dar-se como certo que das honras que Bormos vai progressivamente conquistando, ao passo que os conhecimentos humanos se alargam, a de deus medico é a ultima em data.

Não pôde soffrer duvida que o Bormanico do occidente já trouxe da Asia para a Europa o seu titulo de protector da lavoura, pois que todos os povos arianos conheciam a agricultura, quando se estabeleceram n'esta parte da terra; é, porém, muito duvidoso que elle já trouxesse a reputação de salvador de doentes. Plinio pelo menos tinha razões para acreditar que o uso das aguas thermaes ainda não era conhecido no tempo d'Homero ¹³, e o facto de vérmos na Gallia um Bormos, genio das aguas communs, ao lado d'um Bormos, genio das aguas

¹² Um d'estes exemplos em Belloguet, *Glossaire gaulois*, verb. *Bormana*.

¹³ Plin. *H. N.* xxxi, 32.

thermaes, se não resolve peremptoriamente a questão, confirma a nossa these principal, a saber: — que onde quer que o mytho de Bormanico se encontre, domina sempre a noção principal e primitiva — a nascente, a fonte, sem attenção á qualidade especifica das suas aguas.

II

Tudo o que fica dito deixa concluir que o Bormanico lusitano é uma entidade que se filia no systema mythologico dos povos áricos da Asia Menor, que é no fundo um e o mesmo que o do mundo hellenico.

Estamos a mil leguas dos Celtas.

N'este ramo importante e caracteristico das religiões antigas — o culto das aguas — pôde, pois, afirmar-se com quasi certeza que os mythos levados pelos Hellenos para a Grecia, localizados pelos Mariandynos, Mysios, Phrygios etc., nos seus respectivos paizes, são na essencia os mesmos, que importaram e vieram localisar no occidente os povos da grande migração indo-europêa, que encontramos mais tarde com o nome de Ligures, Gaulezes, Lusitanos, etc.

Estas conclusões, que a muitos parecerão extranhas, surpreendem-nos mediocremente, desde que temos visto desenterrar das nossas cidades mortas reliquias d'uma arte que tem flagrantes analogias com as desenterradas em Mycenae e desde que, em vista d'estes e d'outros factos, pesamos com attenção os textos dos antigos, segundo os quaes os observadores gregos affirmavam ter encontrado n'estas extremidades da terra nomes e costumes *seus* ¹⁴.

No terreno que estamos trilhando, a unica surpresa para nós seria que a concordancia de concepções mythicas se limitasse a um ponto unico e que em tudo o mais entre os árias occidentaes e os seus irmãos do nascente houvesse uma completa divergencia. Isto importaria uma reforma religiosa, realisada por uns ou por outros, depois da sua separação.

Uma similhante solução pôde namorar aquelles que, com-

¹⁴ Vid. *Lusitanos*, pg. 16 e 22.

parando o nome de Bormanico com os nomes dos outros deuses que a epigraphia da Lusitania nos salvou, e vendo em todos elles um ar de familia tão accentuado que é impossivel recusar-lhes uma mesma proveniencia, notarem ao mesmo tempo que entre estes nomes e os do Olympo ariano, incluindo o grego, não ha a minima analogia, salvo, bem entendido, o do deus, cuja legenda estudamos.

Vejamos, porém, o que vale esta questão de nomes.

Entre os Gregos e os Romanos dá-se n'este particular o mesmo caso que entre os Lusitanos e os Gregos. Onomasticamente, o Marte romano nada tem de commum com o Ares grego, Neptuno com Poseidon, Mercurio com Hermes, Juno com Hera, Minerva com Athena, etc., e não obstante, pelo estudo das attribuições das divindades confrontadas, sabe-se que na essencia ¹⁵ ellas eram a mesma cousa.

A explicação é uma só; é que, ao tempo da separação dos Gregos e dos Italiotas, a nomenclatura divina estava ainda por fixar no mundo ariano.

Isto não é uma mera supposição. Affirma-se a cada passo, sob a fé d'Herodoto, que os Pelasgos não conheciam os nomes e sobrenomes dos seus deuses; mas raras vezes se accrescenta que, segundo o historiador, o mesmo succedeu aos Gregos, « cuja theogonia — diz elle — era, a bem dizer, d'hontem ¹⁶ ».

Assim, até epochas relativamente recentes, e com certeza ao tempo da separação dos Gregos e das tribus áricas que vieram estabelecer-se na Italia, os nomes dos deuses do mundo ariano estavam, como já dissemos, por fixar. O que havia já, pois vêmos mais tarde na Grecia e na Italia as mesmas entidades com identicas attribuições, era tendencias polytheisticas pronunciadas n'um determinado sentido, concepções antropomorphicas meio esboçadas, que para exigirem um nome

¹⁵ Na essencia. As differenças accidentaes, que se podem vêr no livro de Preller, *Les Dieux de l'ancienne Rome*, são a favor, e não contra o nosso modo de vêr.

¹⁶ Herodoto, II, 52-53. Não será inutil transcrever a passagem, relativa ao ultimo facto. « Por muito tempo se ignorou qual a origem, fórma e natureza de cada deus; se os deuses existiram sempre. A bem dizer é d'hontem que o sabemos; porque eu penso que Homero e Hesiodo viveram apenas 400 annos antes de mim e foram elles os primeiros que nos seus versos expozeram a theogonia, que fallaram dos sobrenomes dos deuses, do seu culto, funções, etc. »

proprio só esperavam o momento da sua incarnação n'uma fôrma concreta.

Ora sendo fôra de toda a duvida que as primeiras tribus arianas que vieram occupar a Gallia, o norte do Rheno, as ilhas Britannicas, a Hispanha, se separaram dos Italiotas e Gregos muito antes da epocha, em que Herodoto data a systematisação da theogonia dos seus compatriotas, só por um verdadeiro acaso é que os nomes, escolhidos por aquelles povos para a designação dos seus deuses, podiam ser identicos aos que os Romanos e Gregos escolheram para os d'elles. A absoluta differença, que já verificamos na onomastica do Pantheon d'estes dous ultimos grupos ethnicos, diz-nos o que ha a esperar de taes acasos ¹⁷.

O argumento tirado da differença dos nomes divinos, que se encontra nos Lusitanos, Romanos e Gregos, não vale pois nada contra a identidade d'origem das suas respectivas mythologias; elle converte-se, pelo contrario, em argumento a favor da alta antiguidade da migração dos occidentaes e da opinião que colloca esta migração no periodo, que chamaremos pelasgico, o dos deuses innominados.

Destruida esta objecção, á primeira vista formidavel, nós pedimos ao leitor que se dê ao trabalho de meditar os seguintes factos:

Dos Gaulezes diz Cesar, que elles honravam, entre outros deuses, Mercurio, Apollo, Marte, Jupiter, Minerva, e que tinham d'estas divindades, pouco mais ou menos, as mesmas ideias, que as outras nações (é quasi dizer os Romanos e Gregos ¹⁸). Ora com toda a certeza os deuses gaulezes, a que se refere Cesar, não tinham os nomes, com que elle os appellida na sua obra; tinham nomes muito diversos ¹⁹; mas, tal era a identidade d'attribuições entre elles e os deuses romanos, nomeados pelo auctor dos Commentarios, que o nosso informador não hesita em equiparal-os. Ha nada mais significativo?

Com os Lusitanos repete-se a mesma cousa. Strabão diz-nos que um dos seus deuses era Ares, o Marte d'alguns tra-

¹⁷ Bom é notar que os nomes onomatopicos, como Bormos, estão em condições exceptionaes.

¹⁸ Cesar, *De B. G.* vi, 17.

¹⁹ Sobre este ponto vid., entre outros, C. Robert, *Epigraphie gallo-romaine de la Moselle*, pg. v.

ductores²⁰. O deus da guerra dos Lusitanos nem podia ter o nome grego d'Ares, nem o nome romano de Marte e, se Strabão ou os seus informadores o identificam com o deus da guerra seu conhecido, é simplesmente porque reconheceram nas duas entidades o mesmo caracter e as mesmas funcções. Quanto ao culto, os Lusitanos faziam hecatombes *ritu græco*; os Gallegos eram peritos na arte augural, etc.

Provas d'esta especie, poderiamos multiplical-as, bem que os antigos escriptores tratassem com extremo desdem as cousas respeitantes aos « barbaros ». As que ficam expostas bastam, porém, ao nosso intento, que é: mostrar a inconsistencia do prejuizo que parece levantar entre o Olympo greco-romano e o dos povos, que, por abreviar, temos chamado occidentaes, uma barreira infranqueavel, tolhendo a verdadeira orientação n'este ramo archeologico de primeira ordem.

Estamos mesmo persuadidos de que não foi tanto a tolerancia religiosa, attribuida ao mundo antigo, que produziu a rapida adopção dos deuses dos romanos no occidente subjungado por estes e vice-versa, mas as affinidades intimas entre a religião dos conquistadores e conquistados²¹ — e, para terminar, temos a convicção profunda de que os progressos da linguistica penetrando no significado verdadeiro dos nomes dos deuses lusitanos, o estudo das legendas locaes, das tradições, etc., hão de vingar a nossa opinião da pecha de paradoxal, com que naturalmente será acoimada hoje.

Guimarães, 25, 3, 84.

F. MARTINS SARMENTO.

²⁰ Strab. III, III, 7.

²¹ Depois da conquista, alguns deuses dos « barbaros » apparecem com dous nomes, um romano, outro indigena. Vid. Orellius-Henzen, *Inscriptionum*, etc., entre ellas 1977, 1978, e principalmente 1960.